

O livro de Izel

AMOSTRA

AMOSTRA

O livro de Izel

Rodrigo Sinckevicius



MINOTAURO

O livro de Izel

Copyright © 2025 Minotauro.

Minotauro é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2025 Rodrigo Sinkevicius.

ISBN: 978-65-6143-030-2

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

S616L

1.ed. Sinkevicius, Rodrigo

O livro de Izel : a cruzada do inspetor

Bronson por verdade e por vingança em jogo

macabro e perigoso / Rodrigo Sinkevicius. -

1.ed. - Rio de Janeiro : Minotauro, 2025.

424 p. : 15,7 x 23 cm.

ISBN 978-65-6143-030-2

1. Ficção brasileira. I. Título.

03-2025/81

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo..

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da obra: Marco Pace

Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Gerência Comercial: Claudio Lima

Produtora Editorial: Andreza Moraes

Projeto: Daboit Textos e Palestras Ltda.

Concepção Gráfica: Eduardo Faria/Ofício



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



AMOSTRA

In Memoriam de Algedas Sinkevicius e Edson da Silva
Martins, que partiram antes de esta obra estar pronta.

Sumário

9	Benjamim
11	Diana
13	Lucas
21	Bronson
27	Lucas
37	Bronson
47	O Cão da Calmaria
55	Bronson
59	Dizem que os mortos não contam histórias
67	Benjamim
75	Alexandre
83	Diana
95	Leoazinha
101	Bronson
109	Diana
119	Lucas
127	Sem Misericórdia
129	Bronson
135	Lucas
143	Diana

159	Alexandre	303	Língua estranha
167	Marinheiros não carregam medalhas de prata	307	Diana
173	Alexandre	313	Bronson
181	Bronson	317	Benjamim
191	Diana	321	E os filhos da mãe fazem tudo de novo!
197	Bronson	327	Lucas
209	Alexandre	331	Alexandre
219	Bronson	341	Diana
227	Em pele de loba	347	Lucas
237	Diana	357	Alexandre
243	Uma arma na cara vale mais que mil palavras	367	Benjamim
247	Bronson	377	Lucas
259	Hor Auf!	383	Bronson
265	Bronson	387	Diana
271	Benjamim	395	Lucas
281	A benção da donzela	401	Bronson
291	Dia de folga	409	Lucas
295	Bronson	417	Alexandre

AMOSTRA

Benjamim

IRMÃO BEN ACORDOU tonto e desorientado, sentindo o sabor amargo de sangue na boca. Sua cabeça latejava. Sentia o rosto dormente, dolorido. Que esquisito; já acordara com dores antes, era coisa da idade, mas este tipo de dor era mais agudo, do tipo que não experimentava fazia tempo.

Então tomou consciência de que se encontrava de bruços num chão de concreto. Abriu os olhos, mas a escuridão ao seu redor, distanciada apenas por um punhado de velas acesas, não revelou onde estava deitado, nem quem o teria colocado lá.

Tentou se mexer. Nada. Suas mãos estavam atadas atrás das costas. Seu corpo desgastado pelos anos protestou contra seus esforços.

— Hmmmm...

— Ah, o velho acordou!

O sangue de irmão Ben gelou. Seu captor se aproximou em passos leves. De onde estava, Benjamim não conseguiu ver seu rosto nas sombras.

— Que pena — tornou a voz, em tom de escarnio. — Você realmente não vai querer ver isso, irmão.

Uma risada gutural reverberou naquela sala escura, fazendo coro à voz que debochava dele.

Benjamim tentou olhar para cima. A luz, apesar de falha, permitia-o ver o brilho de algo metálico pairando poucos metros dele. Lampejava como se deslizasse pelos dedos de seu raptor. Metálico e afiado.

— O quê? — perguntou o religioso, numa voz fraca. — Quem sois?

Ninguém respondeu.

O segundo homem, que acompanhava tudo longe do campo de visão de irmão Benjamim continuava a rir baixinho.

— Em nome de Deus, me responda! — exclamou, esganado.

O homem com a faca soltou um som anasalado. Irmão Benjamim demorou alguns segundos para perceber que ele também ria.

— Porque é isso o que os homens fazem, irmão.

O homem se ajoelhou, trazendo seu rosto mais para perto da luz. Benjamim ainda não pode reconhecê-lo, mas percebeu, para seu horror, que lhe faltava um olho. E pelo sorriso diabólico, brilhavam quatro dentes de ouro. Em sua mão, um punhal longo reluzia à luz das velas que rodeavam o velho monge.

— Senhor...

— Não, Irmão. Ele não pode ajudá-lo agora.

“Quando o encontrar, diga que o diabo mandou lembranças.”

Diana

UM GRITO RASGOU a noite de Capitólia, acordando Diana Schmidt de um sono inquieto.

Ela pulou da cama, jogando longe as cobertas, olhando a escuridão de seu quarto como se esperasse encontrar um homem com uma adaga aguardando por ela, pronto para fazer mais uma vítima.

Respirou fundo uma, duas, três vezes. Apenas quando os batimentos de seu coração se aquietaram, Diana aceitou de uma vez que acordara com seu próprio grito.

Mais calma, apurou os ouvidos. Ouviu o pai roncar de leve no quarto ao lado, alheio ao seu ataque de pânico.

Do pé da cama, os olhinhos miúdos e brilhantes de Timóteo a espreitavam no escuro.

— Tudo bem, tá tudo bem — sussurrou mais para si mesma do que para o pequeno ser. — Foi só um sonho.

Sempre era só um sonho. Sonhos ruins vinham assombrando Diana desde que ela era uma criança pequena. Homens maus com facas a perseguiram. Homens armados com o rosto coberto corriam atrás dela e da mãe. Diana gritava pela mãe, mas no último instante ela desaparecia. No lugar da mãe restava apenas uma mulher estranha, com penetrantes olhos verdes e um sorriso malvado.

Balançou a cabeça, tentando afastar aquelas lembranças.

Lembranças? Ela mal se recordava do rosto da mãe, como poderiam ser lembranças.

Eram só pesadelos. Sonhos ruins, era só.

Diana voltou a repousar a cabeça no travesseiro. Enxugou o suor frio do rosto com as cobertas e fechou os olhos. O dia seguinte seria árduo e cheio de trabalho. Precisava descansar.

Fechou os olhos, desejando que os sonhos ruins não retornassem. Desejou com um cansaço quase desesperado, mas resignado, pois sabia que já havia desejado aquilo muitas vezes antes.

Lucas

— MADEIRA!!!

O alto pinheiro foi abaixo com um estrondo que fez todos os pássaros do Bosque Real levantarem voo. Depois disso, Wesley e Bernardo passaram os trinta minutos seguintes limpando a árvore de todos os galhos e agulhas, golpeando os apêndices com seus machados de cabo curto. Em seguida, Toquinho e Lucas fracionaram os pedaços já limpos do tronco em toras com um longo serrote, cada um de um lado, puxando e empurrando a ferramenta em movimentos sincronizados. Uma a uma, o grupo carregou as pesadas toras na caçamba da velha carroça, guiada pelo encurvado mestre Duíno.

Lucas nutria respeito pelo velho mestre da companhia. Mestre Duíno contava com quase cinquenta anos, a maior parte destes como lenhador em uma companhia maior. Pagava um salário justo. Não enchia o saco com horário e confraternizava com o time.

Era um bom homem, mas feria o coração do rapaz pensar que aquilo era o máximo que conseguiria chegar na vida cortando madeira.

— OK, cambada, já deu por hoje. Bora!

— Pô, até que enfim! — bufou Toquinho, ajeitando o boné. — Seis toras depois e a gente ainda tá nessa merda.

— Você pode fazer hora extra cortando achas na serralheria se não tiver contente.

— Não, cortar achas e um pé no saco!

— E que tal dar um dia de folga pros cavalos e puxar você mesmo a carroça, boca de lama?

Bernardo fez o som de cascos com a boca enquanto Wesley fingia oferecer uma cenoura a Toquinho enquanto o baixinho de barba castanha ficava vermelho de raiva e calava de uma vez a boca. Toquinho era um bom lenhador, ninguém questionava isso, mas reclamava como ninguém.

Lucas Hansel sabia que fazia muito melhor mantendo a boca fechada. Dentre os Corações de Carvalho, era o lenhador mais novo, um moleque de vinte e dois anos. Em estatura, não diferia muito de qualquer outro homem em Valência, talvez até um pouco mais baixo. Possuía um rosto muito comum também; cabelos e olhos negros como breu e um projeto de barba, a pele castigada pelo sol e pelo vento, constantes companheiros em sua profissão. Porém era mais forte que a maioria dos homens, atarracado e musculoso.

Aceitou a garrafa d'água que Bernardo lhe oferecia e tomou um longo trago. Agradeceu. Sentia-se cansado e faminto, mas sabia que seu dia estava longe de terminar. Tinha pelo menos mais uma coisa que precisava fazer antes que acabasse.

A companhia seguiu a Estrada de Capitólia até a serralheria, sua sede, donde dispersaram. Lucas guardou seu

machado no armário de ferramentas e lavou o rosto na bacia de água nos fundos do chalé.

— Até amanhã, chefe.

— Se cuida, filho. E boa sorte hoje no ringue.

Lucas parou a meio caminho da porta, tornando surpreso para mestre Duíno.

O velho cortador de árvores encarava o empregado com um sorriso esperto nos olhos.

— Como...

— Os lenhadores também frequentam o Balaio de Gato, filho. Eles me contam histórias. E você também me aparece com um olho roxo de vez em quando.

— Ah — Lucas instintivamente procurou Bernardo com o olhar, mas este manteve a cabeça baixa enquanto se trocava, como se não fosse possível acompanhar a conversa logo ao lado, mas Lucas notou que ele corava.

— Não tem problema, filho. Essa terra precisa de bons lutadores. Só tenta voltar inteiro daquele buraco, eu preciso de você amanhã de manhã.

— Bom, obrigado, chefe.

Mestre Duíno assentiu e Lucas tomou seu caminho.

O Balaio de Gato ficava bem as portas do muro da cidade original de Capitólia, na parte conhecida como Cidade Baixa, a pelo menos quarenta minutos de caminhada da serralheira, porém Lucas tinha sua luta marcada apenas para lá das sete da tarde, depois da missa. Ele tinha tempo para um pequeno desvio.